
Georg Simmel: modernidade e filosofia da história

Georg Simmel: modernity and philosophy of history

João Carlos Tedesco*

Resumo: O ensaio analisa aspectos da crítica da modernidade em Simmel; busca-se centrar nesse processo a sua filosofia da história, construída na concepção de pluralidade, na compreensão da base histórica dos conceitos, na diversidade de perspectivas, nas sucessões e coexistências, na subjetividade, na totalidade, na singularidade, enfim, num mundo em relações.

Abstract: The essay analyzes aspects of Simmel's literary criticism on modernity; trying to focus in this process his philosophy built in the pluralism conception, in the comprehension of the concepts' historical basis, in the various different perspectives, in the successions and coexistences, in the subjective aspects, in the entirety of singularity, finally, all topics in conjunction with each others, in a overall perspective.

Palavras-chave: Modernidade. Cultura. Filosofia da história.

Keywords: Modernity. Cultur. Philosophy of history.

* Professor no Programa de Mestrado em História da UPE. Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de Campinas (Unicamp). Pós-Doutor pela Università Degli Studi di Verona – Itália.

Um pensador em trânsito e sensível ao seu tempo

Simmel¹ é um pensador do interdisciplinar, do relacionismo e do perspectivismo. Muitos de seus escritos transitam pela filosofia, sociologia, história, psicologia, economia e antropologia. É possível perceber por esses vários caminhos uma teoria da modernidade, uma filosofia crítica da cultura, bem como uma epistemologia da história. Por isso, retomar o pensamento de Simmel é mais do que adentrar no interior de suas complexas teias; é, mais do que nunca, um esforço contínuo de atualização e de inserção crítica no mundo moderno e de uma concepção de indivíduo e de conhecimento. (WAIZBORT, 2000).

Simmel pensou e analisou fenômenos *estruturantes* da modernidade como o dinheiro, a vida social, mental e cultural nas grandes cidades, a mercantilização e a fetichização do corpo, do estético, da moda; problematizou a cultura moderna no que ela tem de mais trágico: a alienação do indivíduo e a redução de seu potencial de individualidade. Sua sociologia é a da interação, da intersubjetividade, da relação sujeito e objeto, temas que são ainda emblemáticos e problemáticos em vários campos das ciências sociais e humanas.

O autor não gostava e por isso nem se fez representar por nenhuma escola filosófica; nunca teve modelos ou mensagens proféticas a deixar aos seus contemporâneos, nem para fazer frente à tristeza intelectual, ao nihilismo de seu tempo. (DAL LAGO, 1994). Muitos consideravam que seus escritos eram de cultura “baixa”, fato esse que a tornava suspeita. As questões em torno do dinheiro, da prostituição, da moda, do estrangeiro, etc. interessavam marginalmente aos filósofos. Até, porque, em geral, era visto como teórico e analista da interação e não da macroestrutura, ou seja, do horizonte que se produz em multiplicidades qualitativas e quantitativas, em heterogeneidades e descontinuidades, em densidade e rigidez. “Os processos de interação não podem ser reduzidos a um mero jogo de reciprocidade entre indivíduos e atores, mas é necessário, toda vez, correlacioná-los e individualizar os diversos determinismos.” (DAL LAGO, 1994, p. 34).

É nesse sentido que vários de seus autores contemporâneos, em geral alunos que depois ganharam notoriedade em seus muitos campos do conhecimento, contribuíram ou para reduzir seu poder de influência ou para torná-lo polêmico. Muitos autores, principalmente de correntes marxistas (Adorno, Lukács e outros), o viam como ideólogo da burguesia

e filósofo do irracionalismo da vida; outros criticavam aquilo que consideravam um quadro de análise relativista de Simmel, a sua filosofia considerada idealista e puro subjetivismo. Outros autores, mesmo de base marxista como Benjamin, se sentiam impressionados por Simmel principalmente na análise sobre a modernidade e sobre a crítica da cultura, ambas cristalizadas na dimensão analítica do dinheiro.

A sociologia de Simmel é a da relação, da interação, da forma; percebe os indivíduos interagindo em relações variadas, nas diversas formas que as relações assumem na sociedade. (WALZBORT, 2000). Nesse sentido, analisa os grupos e não as classes, e sua técnica, em muitos de seus escritos, é o ensaio os quais são analisados a partir de pontos de vista diversos e mutáveis, e sua escolha é relacional e interacionista em vez de priorizar princípios estruturais. (DAL LAGO, 1994). O conhecimento é entendido pelo autor como tendo fundamento na intersubjetividade, como interpessoal (saber como o outro conhece a sociedade, as interações como realidades dialéticas, na qual entram em jogo elementos cognitivos, zonas claras e obscuras e, sobretudo, o reconhecimento do indivíduo como ator).

Não há dúvida de que Simmel recebeu influência e influenciou muitos analistas e correntes do pensamento social. Lendo sobre sua filosofia da história (SIMMEL, 1982) e sobre cultura moderna, percebe-se forte influência tanto de Marx quanto de Hegel, Kant, Weber e Durkheim. Lukács – seu aluno – desenvolveu mais diretamente noções simmelianas, principalmente em torno da ideia de alienação, objetivação, domínio do espírito objetivo, reificação, dentre outras.

Outros neomarxistas também beberam de sua fonte, assim como, contraditoriamente, alguns pós-modernos, dentre os quais Maffesoli. Bloch chegou a dizer que Simmel tem uma mente superior a todos seus contemporâneos. Merton utilizou aspectos das análises de Simmel para desenvolver a teoria do *papel social* e do *grupo de referência*. A tradição fenomenológica de Schutz também não deixou por menos, principalmente em vertentes da mesma como o individualismo metodológico, a etnometodologia e o interacionismo simbólico, em parte, e, sem querer enquadrá-lo nessas epistemes, manifestam a importância de Simmel. (DURAND; WEIL, 1989).

No entanto, após sua morte, as contribuições de Simmel à análise da cultura moderna caíram muito no esquecimento. Na Alemanha do pós-Primeira Guerra não havia muito espaço para análises de pessimismo, de ambivalência, mas de decisão, de pragmatismo. No período que

antecede o conflito nazista, alunos de Simmel tinham dificuldade de utilizá-lo por serem suas análises privadas de conotação política ou doutrinária. Aliás, alguns como Bloch e George se encarregaram de estranhá-lo ainda mais ou de produzir rupturas em sua trajetória de importância social e acadêmica. (DAL LAGO, 1983).

No campo de sua performance institucional-acadêmica, Simmel conseguiu a titularidade de uma cadeira de catedrático em Filosofia somente com 56 anos de idade, em Strasburgo, durante o período da Primeira Guerra Mundial, fato esse que marcará muito suas concepções sobre a guerra, principalmente no fim da mesma, que coincide com sua morte em 1918, vítima de câncer no fígado.

Sua inserção tardia na universidade (SCHWEITZER; STÉPHAN, 1986) deve-se, em parte, pelo antissemitismo que se desenvolvia na Alemanha e, em especial, no meio universitário; acrescenta-se a isso o fato de que suas análises e investigações não eram bem-aceitas por colegas seus do meio universitário, principalmente pelas dimensões ensaísticas em que os temas eram abordados e pelo fato de sua base epistêmica não estar muito em correspondência com o que se desenvolvia na época; desaprovavam vários aspectos da forma de viver e de pensar do mesmo: o seu não apego às convenções, o fato de ser meio excêntrico, muitos de seus estudos apareciam em revistas não acadêmicas e sem quase referências a outros autores, porém num estilo fluído que atraía muito a atenção e, quanto à abrangência numérica, artigos escritos e publicados aparentemente de modo casual; seus seminários e cursos temáticos atraíam muito e, em geral, abordavam assuntos que a academia tradicional não reconhecia como relevantes e raramente os contemplava, além de criticar análises de estudiosos, não incomum, em sua presença.

Não podemos esquecer que, após a Segunda Grande Guerra, as duas correntes mais influentes e de atenção nas ciências sociais foram o Funcionalismo Parsoniano e a Escola de Frankfurt. Não há dúvida de que isso também tenha influenciado no fato de que Simmel não alcançou, após a Segunda Guerra Mundial, nem na Alemanha, nem nos Estados Unidos, uma presença intelectual que permitia sequer vislumbrar o que foi a influência que exercia, em sua época, em seus alunos e grupos de referência, principalmente em suas aulas e conferências, se for comparado, é evidente, com Dilthey, Bergson, Weber, Mead, Durkheim, Bloch, Kant e outros.

Diz Habermas que, não obstante sua incipiente recepção nos grandes centros acadêmicos, Simmel, como crítico de cultura, está ao

mesmo tempo estranhamente distante e próximo de nós. Para o comentador, Simmel representa um tipo diferente, foi um intérprete de sua época, foi muito mais um incitador do que um sistemático, mais um intérprete que filosofava no campo das ciências sociais que um filósofo e sociólogo solidamente arraigado a estabelecimentos científicos. (HABERMAS, 1988).

Entende Habermas que Simmel é um filho do *fin de siècle*, ou seja, pertence a uma época em que floresceu uma imensa gama de pensamentos, como os de Kant, Hegel, Schiller e Goethe, de outro lado, Schopenhauer e Nietzsche, logo depois a grande influência de Heidegger, da escola de Frankfurt e outras vertentes do marxismo. Habermas diz que

as teorias da sociedade orientadas à formulação de um diagnóstico de época partindo de Weber, por um lado carregam, através de Lukács, de Horkheimer e de Adorno, e por outro, através de Freyer a Gehlen e Schelsky, em sua totalidade bebem nas fontes da filosofia simmeliana da cultura. (1988, p. 281).

O projeto de modernidade, que na Alemanha se condensa, produziu também seus críticos nos vários campos das ciências, mas principalmente no das ciências sociais (essas, não por nada, chamadas no período de “Ciências do Espírito” ou “Ciências da Cultura”). E aqui se travam debates, teorias, metodologias, epistemologias, as quais buscam validades, fidelidades e hegemonia. A crítica da modernidade, da “ideia de progresso”, da estrutura político-imperial, da dependência burocrática e política da universidade e, em parte, da ciência, ao sistema estatal centralizador e autoritário, da forma de organização econômica e sua alimentação também nos campos cultural e estético.

Simmel está nesse cenário; escreve a *Filosofia do dinheiro* na virada do século, espelhando-se numa Berlim que condensava essas grandes transformações: uma cidade mundial que se desenvolvia, modernizava-se e se adensava agressivamente; grandes empresas de setores variados, porém de ponta em termos de importância econômica e de tecnologia, se estruturavam nesse espaço; o operariado era atraído e se concentrava; o campo acadêmico acompanhava esse crescimento e era reconhecido e recompensado pela ciência e pelo poder público que se servia e se simbolizava através do mesmo e, por grandes estudiosos de várias áreas.

Um pensador sensível ao seu tempo

Nesse cenário, Simmel percebeu mudanças culturais profundas, os grandes fragmentos da sociabilidade e a interdependência social, os desenvolvimentos científico e tecnológico na esteira da intelectualização, a excitação produzida na cidade (sensação de tensão nervosa, desejos intensos e reprimidos, estímulos variados em dimensões internas e externas ao indivíduo, a velocidade e a mobilidade de objetos, tempos e espaços mais dinâmicos, a diversidade da vida social, as coisas novas, ânsia de distração, diversão, viagens, consumo, etc.). Enfim, foi um grande observador de seu meio social, e é desse modo que brotam suas análises pertinentes em torno das formas e das manifestações da modernidade social e histórica.

Simmel presenciou e colaborou para uma atmosfera de abertura cultural, um caso de ecletismo na história intelectual na virada do século XVIII para o XIX; o caráter pluralístico de seu pensamento o transformou, ao mesmo tempo, em alguns países, como um analista da crise da cultura e da arte, um expoente do relativismo, um fundador da sociologia, um pensador eclético que circula pela filosofia, metafísica, gnoseologia, estética, arte, história, sociologia, psicologia social e teoria social. (FRISBY, 1992).

Sua obra é expressão do repertório de uma época da cultura europeia, uma cultura da crise e da heterogeneidade. Simmel é o pensador que reconheceu e aceitou o caráter fragmentário da cultura e da experiência. Pensador do intermédio, do relacional, do trágico; para alguns, do pessimismo; sua obra é fragmentada, ao mesmo tempo, dispersa e unitária, crítica e teórica, a qual pode ser localizada ao lado da de Weber e Nietzsche, de Mann, Bloch, Lukács.

Simmel, em suas obras, trata de temas variados e de assuntos anódinos tais como, a porta e a ponte, a moda, as ruínas, as paisagens, a preguiça, o estilo, o coquetismo, a aventura, a moldura, o feminismo, as cidades, o conflito, o segredo, a fidelidade, o estrangeiro, a refeição... Busca descobrir em cada minúsculo detalhe seu sentido global, um horizonte que remete à unidade e à inter-relação *entrelas* coisas.

Desse modo, é um filósofo do relacionismo, da ligação do singular íntimo e imediato a significações espirituais últimas, da dialética do concreto e do abstrato, a qual produz sentido e significados, religa o fugidio ao eterno ao mesmo tempo que revela a inesgotabilidade e a inexpressão descritiva do real. Seu perspectivismo e construtivismo em

torno do conhecimento fizeram ver esse não apenas na unidade, mas na parcialidade, construção/reconstrução angular e caleidoscópica, probabilidade, dialética sem síntese (dimensão do *talvez*) (FREUND, 1986), dualidade em interação, vitalismo da interação, dos múltiplos e relacionais conduzidos por sujeitos com hábitos, emoções, intenções, interesses, pontos de vista, seleções, critérios, interações, encadeamentos, etc. A verdade se objetiva no movimento do pensamento. (VOZZA, 2003).

Simmel é sensível ao que se passa em seu contexto, tem um olhar aguçado e vigilante para seu mundo; percebe com fineza as relações monetárias e como elas representam uma metáfora da cultura moderna. Aspectos como autonomização do saber científico, homogeneização dos estilos de vida, dentre outros, estão nessa *metáfora da cultura*. Por isso é considerado por alguns analistas como o pensador da crise, de uma ruptura que se abre no meio social de sua época, da época da certeza, dos saberes moderno e científico, para, ao mesmo tempo, uma época da incerteza, da alienação, da falta de cultura humana. Simmel inaugura e fortalece essa característica do pensamento social contemporâneo, ou seja, o trágico produzido pelo intelectualismo e a racionalização. “A obra de Simmel é ainda capaz de nos mostrar como é possível interpretar o mundo renunciando aos mitos da integração, da totalidade e da legalidade científica.” (FRISBY, 1992, p. 41).

Simmel tenta situar as importantes tendências do *espírito da época*, identificando-as e identificando-se com elas (modernidade da sociedade alemã a partir da segunda metade do século XIX, aspectos técnicos constituindo um maior desenvolvimento da cultura objetiva sobre os valores pessoais e constituindo novas e conflituadas sociabilidades, a unificação alemã e a guerra franco-prussiana e a subordinação de todas as coisas aos interesses materiais em torno dos produtos e dos consumidores, do domínio do dinheiro, etc.).

O autor fala de formas e processos de associação, de modos de ser que constituem as associações e, hoje, essas são muitas, são variadas, pluridimensionais e menos duradouras. É por isso que o autor dá ênfase ao indivíduo como produto e produtor da vida coletiva; não entende a sociedade como uma entidade global, mas como multiplicidade de relações possíveis entre os diferentes processos sociais e as experiências individuais particulares. (MONGARDINI, 1986).

Como diz Mongardini, as organizações sociais mudam, as necessidades e os desejos individuais se modificam, as questões de conhecimento e de interesse e os desejos são muito divergentes fazendo

com que se passe a questionar e/ou abandonar o conceito abrangente e universal de sociedade, considerado por Simmel um fetiche e que pouco explica no nível cognitivo. (1986, p. 123).

Já dissemos que Simmel se preocupa com os temas, as coisas, os fatos, os problemas, as inquietações de sua época, de seu presente; busca intervir nesse, tomar posição no momento, experienciar e sentir a época, temporalidade essa essencialmente marcada por dualismos na relação entre indivíduo e sociedade, entre formas e expressões de culturas, entre essas e a chamada *civilização* capitalista em ascensão, a transformação e a inversão reificante entre meios e fins, a primazia da técnica e dos objetos, o individualismo que se produz e se justifica a partir do próprio indivíduo.

Aspectos de sua filosofia da história

No *I problemi...*, Simmel insiste no fato de que não existem leis na história, que, no mais, as linhas evolutivas que se possam descobrir no futuro histórico são produtos do pontos de vista. Os fenômenos sociais são o resultado do conjunto complexo de ações individuais; as leis sociológicas que acreditamos descobrir, na realidade, são, em geral, produtos de interpretações. (SIMMEL, 1982).

Nesse livro, Simmel discute as condições de cientificidade das ciências históricas, ou seja, como descobrir e entender as forças reais que estão na base dos fenômenos. Diz o autor que as formas pelas quais os homens se relacionam possuem uma natureza interior e, num momento posterior, articulam-se em estruturas objetivas. Não significa penas passar da análise psicológica ao conhecimento dos conteúdos dos fenômenos históricos, mas descobrir as correlações entre eventos externos e suas condições internas (D'ANNA, 1996), ter capacidade de pressentir, de fazer aparecer a parte invisível dos fatos; por isso a história torna-se, então, história da cultura, da vida espiritual e dos homens que a forjam.

“Não existe nenhum desenho imanente que, de seu interno, construa um futuro que prescindia da nossa experiência seguindo sua específica estrutura de desenvolvimento e uma lógica própria.” (D'ANNA, p. XXVI). Em outra passagem, diz ele que “a existência do homem, se não entra na ciência, nos seus resultados, nos seus métodos e nas suas categorias objetivas, representa sempre a condição para suas possibilidades”. (p. XXVI).

Simmel deixa claro que o conhecimento é constituído de uma pluralidade de experiências e atividades humanas que se diferenciam, se multiplicam e se sobrepõem na interação social. (SIMMEL, 1982). Desse modo, o estatuto epistemológico da sociologia deve permanecer aberto, ambivalente e indeciso, ou seja, na esfera da possibilidade, da probabilidade e da intersubjetividade. Daí a crítica de Simmel à sociologia totalizante, aos princípios estabelecidos, aos axiomas de leis unívocas de desenvolvimento social; sua renúncia ao emprego de leis sociológicas. As interações dos indivíduos são produto de fatores diversos. A sociedade, nesse sentido, é resultado de uma recomposição abstrata operada pelo sujeito cognoscente com forte acento na intersubjetividade, num psiquismo coletivo ou transpessoal. (DAL LAGO, 1983).

É nesse sentido que, no *I problemi...*, Simmel radicaliza aspectos desenvolvidos no livro sobre diferenciação social, base de seus fundamentos sociológicos; dá ênfase às atividades não completamente racionais, ou seja, a um processo cognoscitivo que deve produzir resultados aceitáveis e compreensíveis, mas que não é completamente conhecível; não busca reduzir a pesquisa a um sistema de normas; é contra a escola do realismo histórico, ou seja, as forças objetivas da história, a negação de saberes apriorísticos. Diz que “todos os fatos externos, políticos e sociais, econômicos e religiosos, jurídicos e técnicos não seriam por nós interessantes, nem compreensíveis se não fossem resultados de movimentos da alma e não suscitassem movimentos da alma”. (SIMMEL, 1982, p. 5). É nesse sentido que o objeto do conhecimento histórico não é constituído de fatos externos e de leis que o governam, mas de processos interiores, parcialmente conscientes e, logo, parcialmente reconstruídos. (DAL LAGO, 1983, p. 62).

Simmel deixa clara a correlação entre a experiência do sujeito cognoscente e a dos outros, a impossibilidade de eliminar o condicionamento subjetivo no conhecimento, que o conhecimento é possível só na interação entre sujeito semiconhecido e os *objetos* que se apresentam na sua periferia, que não existem leis na história, que é possível fazer generalizações, como forma de abstração filosófica que transcende o plano do conhecimento e o sujeito, que sintetiza a multiplicidade e projeta representações – daí a importância das formas, das formas de associação, de uma *estrutura* que significa as ações e os processos sociais que alimentam a história –; que há a impossibilidade de estabelecer um sentido objetivo da história; que a realidade é perenemente mutável, fluída e relacional, pois resulta de uma perene

troca entre as duas esferas abertas em suas essências, a subjetividade e a objetividade. (DAL LAGO, 1983, p. 73).

Não temos dúvidas em afirmar que a epistemologia simmeliana se fundamenta na pluralidade de perspectivas, sem exclusivismos e essencialismos, na relação consigo (objetos e sujeitos) e com o externo; do singular busca sempre entender o universal, por mais micro e específico que seja, esforça-se para perceber o todo; é o analista do relacional, das formas de associação, do caráter duplo e ambíguo de todas as coisas (o dinheiro é fixidez e mobilidade, é singularidade palpável, fluída, prática; ao mesmo tempo, no âmbito de seu conteúdo, é o elemento mais estável; é um universal, estilizado, porém cria a estilização e a distinção da vida como especificidade e contraposição a ele mesmo, como segurança e tranquilidade num mundo confuso e frenético). (WAIZBORT, 2000).

Nessa questão do absoluto num mundo limitado, em movimento, Simmel diz que há sempre uma dinâmica incompleta entre o possível e o impossível. Aquilo de que se tem a possibilidade de tomar posse, de subjugar, ou seja, o *possível*, remete-nos, necessariamente, ao impossível e é por isso que o possível se revela como *eterno* negociador do seu próprio domínio. (FERREIRA, 2000).

Na noção de “panteísmo estético” em Simmel (muito em correspondência com a epistemologia weberiana), podemos encontrar ainda mais elementos de sua filosofia da ciência e da história, na ideia sempre insistente de pluralidade de caminhos possíveis, mobilidade da própria vida, da compreensão da base histórica dos conceitos, da diversidade de perspectivas, da necessidade de tornar provável o improvável, de sucessões e de coexistências, de subjetividade, da totalidade na singularidade, do fragmentário, do mundo *delem* relações, da socialização, da interação (tendo o dinheiro como a mais pura das interações), da relatividade e do movimento do mundo, desse como expressão de um jogo infinito, de estratégias e de racionalidades, também adaptativas (o *blasé*, o aventureiro e a distinção são expressões disso). Ainda: da lógica do relacional, do entender que a verdade e o conhecimento não são, em absoluto, *absolutos*, por isso, a verdade entendida como produto das relações que se estabelecem entre sujeito e objeto, construção de pontes inacabadas (proximidade e distância, diferenciação e indiferenciação constante), da circularidade como teia de relações. (WAIZBORT, 2000; SOUZA; OELZE, 1998).

Boudon (1984) considera *I problemi...* como um estudo de fundo epistemológico, de sua filosofia da ciência. O autor do livro quis desenvolver uma teoria das ideias, incluindo não só historiadores, mas sociólogos, demógrafos, economistas. É um livro que trata de várias questões, dentre elas sobre a forma, o socialismo, o realismo na história, o neokantismo, as interações, etc., porém, marcadas por uma linguagem filosófica ao estilo neokantiano do fim do século XIX. Simmel é enfático ao afirmar que o ponto de vista histórico é expressão de fenômenos psíquicos. As intenções dos sujeitos, os conteúdos de consciência, estão em evidência, assim como a clareza de que os processos psíquicos e as circunstâncias externas (contextos passado e presente) de vida dos sujeitos, interligadas, produzem movimentos psíquicos.

Boudon propõe considerar (ao nosso ver, de forma inapropriada) o *individualismo metodológico* como princípio de explicação da história e das ciências sociais em Simmel; porém, diz que esse princípio não é aplicado a todas as circunstâncias; descarta as formas atomistas e defende os fenômenos sociais como produto de ações individuais, e essas se inscrevem em um contexto, que possui uma estrutura. Diz Boudon que as estruturas não são compreensíveis senão a partir de ações, e as ações não são compreensíveis senão a partir de estruturas. (1984). Em vez de *estruturas*, Simmel fala de forma, que ilustra bem essa relação circular entre ações e estrutura.

Os efeitos de agregação

Segundo Simmel, os fenômenos sociais, ou históricos, devem ser interpretados como um efeito de agregação, produto da combinação de ações elementares; o real deve ser concebido como efeito do resultado de múltiplas ações e estados conscientes mais ou menos anônimos. Na vida social, os indivíduos estão uns em relação aos outros em constante processo de interações e interdependência. (SIMMEL, 1981).

É nesse sentido que o autor de *I problemi...* coloca que todo o fenômeno histórico ou social é o resultado de comportamentos, de ações, de motivações e de estados de consciência individual. Os encadeamentos históricos são infundáveis; as ações recíprocas se criam e se recriam; em seu conjunto, constituem um tecido complexo que nossa capacidade de compreensão não alcança. Nessa dificuldade de ser fiel ao passado é que Simmel produz uma crítica ao realismo na história. As razões são

contraditórias, a história é sempre uma tentativa de reconstrução, os fenômenos não podem ser vistos sob a categoria da causalidade, as regularidades macrossociais não são produto de leis, elas são produto da ação dos homens. As regularidades macrossociais são frágeis e não têm força de lei. É pura metafísica acreditar que o conhecimento consiste em estabelecer proposições de validade universal. (BOUDON, 1984, p. 19, 32).

Simmel pensa numa fluidificação de categorias, uma crescente maleabilidade, fluidez de afetos e sensações; é cético quanto à capacidade de restituir uma cópia fiel do desenvolvimento factual, pois acredita haver sempre uma relação de significados instituída pelo sujeito que dá forma e confere sentido ao que acontece. (VOZZA, 2003). Por isso, sua crítica é ao realismo ingênuo que concebe a verdade em conformidade com o dado empírico.

Não se trata, todavia, de negar os fatos, mas de acolher a transição do âmbito empírico ao científico e de reconhecer o papel da interpretação, a qual não busca negar os dados factuais, mas lhes conferir significados que não se resumem aos mesmos fatos causais e insensatos, através de sistemas de relevância, instituindo correlações com idéias e valores, operando uma reorganização perceptiva e uma elaboração simbólica (VOZZA, 2003, p. 24).

Simmel desenvolve a ideia de causalidade individual; desse modo, entende que o conceito de unidade objetiva fundamental deve desaparecer do edifício dos conceitos científicos objetivos. “Os fenômenos históricos são em cada caso resultado de muitas condições interligadas e, desse modo, não são em nenhum caso dedutíveis e uma singular lei da natureza.” (VOZZA, 2003, p. 30). Daí o caráter transitório das formas, da teoria como sublimação da realidade, uma transferência a outro, uma abstração que desloca o real a uma dimensão simbólica que a torna inteligível.

Simmel desenvolve também a ideia de complexidade, ou seja, que as nossas experiências imediatas correspondem a uma multiplicidade de sensações heterogêneas, de difícil ordenamento e seleção, mas que, porém, giram em torno de alguns princípios, um deles é a utilidade prática em correlação com as necessidades dos indivíduos.

“Nenhuma verdade pode pretender ser absoluta. Uma cópia literal do real é inconcebível, pois o objeto, o mais simples, corresponde para

nós a uma multiplicidade inexaurível de sensações [...], uma representação que fosse desprovida do contato com o real seria inútil.” É nesse sentido que o fato de o conhecimento basear-se em princípios e de que esses não podem ser absolutos de um lado, e a finitude do sujeito cognoscente defronte da complexidade do mundo, de outro, “desqualificam, portanto, qualquer teoria realista do conhecimento”. (BOUDON, 1989, p. 479).

Existe, segundo Simmel, muitos esquemas explicativos que não são teorias no sentido científico do termo, e que não contribuem para a compreensão dos fatos, dos fenômenos e dos processos históricos e sociais. Simmel utiliza alguns exemplos como sendo esquemas explicativos metacientíficos: a história caminha em direção a uma individualização crescente; a paz social é melhor preservada quando a estratificação é mais marcada; estruturas familiares e estruturas políticas se correspondem; o declínio político e o declínio cultural caminham juntos. Esses tipos de proposição, segundo Simmel, não podem ser considerados científicos porque não são apresentados como resultados de comportamentos individuais inteligíveis, nem são leis com caráter de universalidade. Não obstante, ainda que muitas leis não sejam leis no sentido científico, segundo Boudon, não são meras quimeras, pois nos auxiliam na consciência de que o real é complexo; nos fazem reconhecer a existência do desconhecido; possuem um valor heurístico e um valor como instrumento de inteligibilidade; e contribuem na orientação do olhar sobre fenômenos históricos e sociais. (BOUDON, 1989).

As representações metacientíficas são formas, produtos de agregações de comportamentos individuais. A intenção simmeliana é dar unidade entre forma e conteúdo, por isso, sua sociologia das formas de associação. O objetivo da sociologia é a sociedade, e a sociedade é interação. A sociologia vai extrair as formas, as categorias que vão estruturar os conteúdos. Os conteúdos são pulsões; as formas são sociais. A sociedade se constitui no momento em que as pessoas têm consciência de suas formas de interação.

Nessa questão específica da filosofia da história, nos parece clara a intenção do autor em refutar as explicações totalizantes; seu *perspectivismo* não dogmático se apresenta no desafio de como passar os acontecimentos para a história, por isso defende uma tentativa de compreender o passado numa perspectiva compreensiva. Os indivíduos são a unidade da história, e as formas dão unidade a essa multiplicidade. (FRISBY, 1992).

Não perdendo nunca de vista sua obra-prima, *Philosophie...*, dessa podemos extrair uma reflexão intensa sobre como um nível superficial, cotidiano, particular e universal que é o dinheiro. O ponto de partida de sua análise é o mais repetitivo, superficial e aparentemente insubstancial para chegar, com detalhes, ao profundo de seus significados; deixa claro que sua intenção é permitir a compreensão da correlação entre detalhes e superficialidade da vida com seus movimentos mais profundos e essenciais. Desse modo, o empírico é limitado por não abordar a totalidade, o papel da ciência está em unir e integrar esses dois processos ainda que o resultado seja uma unidade incompleta. (WAIZBORT, 2000).

O autor mostra a grande tendência dos tempos modernos em destronar os conceitos universais e sobrepujar os casos singulares como legítimos de concepções; desenvolve um certo intuísmo e impressionismo estéticos (daí sua atenção à obra de arte) na compreensão ou para a penetração *na* da realidade social, bem como sua compreensão acerca da modernidade e da *estrutura* fenomenológica da sociedade (formas de socialização), ou seja, dos nós delicados e invisíveis que, como momentos fugazes de interação, de interações íntimas e de vida emocional, de interdependências fugazes, etc. caracterizam a modernidade. (WAIZBORT, 2000).

Simmel diz em sua *Estética sociológica* que,

para nós, a essência da observação e interpretação estética afirma que se deve buscar o típico, no singular; o sistemático, no fortuito; a essência e o significado das coisas no superficial e transitório. Parece impossível que fenômeno algum escape a essa redução do significativo e eterno. Até o fenômeno mais vulgar e intrinsecamente feio aparece num marco de cores e formas, de sentimentos e experiências que lhe conferem um significado fascinante [...]. Nossa visão de mundo passa a ser a do panteísmo estético. Todo ponto encerra a possibilidade de ver-se lançado ao significado estético absoluto. (1996, p. 462).

Desse modo, o fragmento fortuito já não é mais um simples fragmento; todo fragmento permite revelar significados, de um mundo em conjunto. Nesse sentido, um fragmento pode conduzir a chave para entender aspectos fundamentais da realidade social. Fragmento e totalidade podem ser entendidos como conexão de sentido. (WAIZBORT, 2000). O dinheiro para Simmel é significativo nesse sentido, ou seja,

como vinculação múltipla e mútua de fenômenos diversos e é nessa relação que o mesmo experimenta o cotidiano e expressa sua essência. “Cada constelação individual tem a característica de ser um simples fragmento da maior totalidade do mundo e, se, previamente, não se interpreta e abarca essa última, o que se pode revelar, em forma fragmentária, são complexos incompletos.” (SIMMEL, 1987, p. 320).

As noções de espontaneísmo, de ponto de vista, de perspectiva, fazem essa episteme romper *a priori* com estruturais, de extrema fixidez, de universalidade; há influência recíproca entre condições sociais e ideias.

Na *Philosophie...*, percebe-se que o real é constituído de uma mescla de causa e efeito impossível de obtê-la como tal pelo sujeito cognoscente. Daí advém a noção de reciprocidade, de circularidade da *causalidade*. “A alma depende do mundo tal como o mundo depende da alma. Isso significa que nossas idéias não possam ser inteiramente independentes das condições sociais, mas também que essas não poderão ser diretamente dependentes daquelas.” (BOUDON, 1989, p. 488).

Simmel diz no *I problemi...* que não se pode conhecer a história tal como ela realmente se passou, nem conhecer o individual enquanto é individual. Estão presentes nessa episteme as noções de pluralidade de sentidos ligadas às ações recíprocas, às metamorfoses da individuação; desvinculação de um ideal positivista; identifica a complexidade das relações entre sociedade e sujeito individual. “Em geral não existem leis simples que permitam calcular *a priori* seu estado num momento dado, sua maneira de ser no momento seguinte.” (SIMMEL, 1981, p. 205). O individual, em seu sentido restrito, resulta de múltiplas influências ou ações recíprocas. A vida, em seu desenrolar concreto, é tomada por uma multiplicidade de interesses que animam os sujeitos. Tudo, na realidade, está ligado com tudo, há um encadeamento que se processa, um percurso subterrâneo como fios que correm nos tecidos. (BOUDON, 1984).

Para Watier (1996), a ação recíproca permite abarcar tanto a variação quanto a estabilidade, tanto o movimento como também o invariante. Por isso, a história é uma reconstrução de dados mentais para a interpretação de dados observáveis. Necessariamente, faz-se apelo a *a prioris* psicológicos, não a leis psicológicas, mas também à subjetividade do historiador. A subjetividade tem um papel positivo, ela não é um limite ao conhecimento histórico, pois o objetivo da história é o indivíduo, significando, com isso, que a motivação do ator supõe uma construção por meio da empatia.

Enfim...

Entendemos a cultura filosófica, ou para alguns o *panteísmo estético*, de Simmel, como perspectiva de um mundo em abertura, um mundo plural e intersubjetivo, um tanto relativista, mas que se esforça para atingir horizontes de conjunto, de síntese ainda que parciais, totalidades-em-ato.

O autor em questão compreende que o mundo pode ser visto a partir de um ponto de vista, de pluralidades e, portanto, de possibilidades; jamais se esgota sua perspectiva de compreensão. A mobilidade e a pluralidade da vida se expressam e são produtoras do movimento do pensamento e de sua(s) significação(ões). Por isso, a ação é privilegiada e não objeto; a verdade está na ação ainda que essa se vincule a objetos, a processos relacionais.

Entendemos que Simmel, em sua episteme, fundada em seu *panteísmo estético*, esforça-se em perceber e perseguir a totalidade, o invariável, o essencial nos fenômenos aparentemente mais casuais e superficiais da vida cotidiana; centraliza esses processos no horizonte das formas de associação modernas, ou seja, nas redes de relações sociais recíprocas e, desse modo, trabalha com noções de intenções, finalidades, desejos, tendências, interesses que se expressam nos indivíduos. (WAIZBORT, 2000). Por isso, o desenvolvimento da economia monetária não se expressaria apenas na produção desmesurada de mercadorias, mas também na constituição de relações sociais, até as mais íntimas e sensíveis. Nesse sentido, o dinheiro que a alimenta e se reproduz mais *perfeitamente* nas grandes cidades, exige o aumento e a eficiência *do/no* cálculo, no conhecimento aplicado, na indiferença e na necessidade entre indivíduos. A economia monetária moderna é uma expressão totalizante na vida social e se manifesta nas formas mais cotidianas de sociabilidade.

Deduzindo desse processo acima, vimos que se desenvolvem a *objetificação da cultura*, as efêmeras relações sociais e as trocas assimétricas, formas variadas de interações. Desse modo, encontramos em Simmel não apenas uma preocupação explícita entre sujeito e objeto, mas entre sujeito e sujeito, as relações entre os homens em meio às relações entre objetos de troca. Nesse sentido, sua análise se funda em premissas ontológicas, éticas e epistemológicas.

Simmel interpreta a cultura como processo em construção, em formação; percebe os homens como criaturas dotadas de uma propensão inata para o desenvolvimento de um modo particular, isto é, através da transformação dos objetos externos e a sua incorporação no desenvolvimento de uma personalidade que se vem estruturando. (LEVINE, 2001). Nesse sentido, há uma dialética no pensamento de Simmel sobre a tragédia e o conflito da cultura na sociedade moderna, movimento que vai da relação desejosa de apropriação de bens e técnicas como expressão cultural, à relação de desejo de se separar desses elementos, canalizando forças para o desenvolvimento da individualidade. (SIMMEL, 1987, p. 547).

Simmel desenvolve uma ideia de tempo como transitório, de espaço como fugaz, de causalidade fortuita e arbitrária, o tempo presente como diferenciação e descontínuo. (WAIZBORT, 2000).

Quase no fim da vida, escrevendo muito sobre filosofia da vida e da cultura, retomando temas em torno da tragédia da cultura, da alienação, da correlação entre vida e obra de arte, Simmel via, nos períodos de guerra, uma possibilidade de “transvalorização dos valores”, ou seja, uma circunstância, ainda que trágica, de uma forma de interação social que permite reavaliar o problema da cultura, que permite pensar num recomeço, como expressão da positividade da crise em reconstrução. Nessas circunstâncias, avaliam-se os elementos críticos do presente; a possibilidade de redenção cultural, de um novo homem; momento em que pode haver a redefinição e/ou ruptura do caráter absoluto do dinheiro; pode-se reconciliar as coisas e as pessoas. (WAIZBORT, 2000).

Simmel é, sem dúvida, o analista, como diz Cohn, dos tons mais finos das relações sociais, finos, mas firmes, naqueles do jogo, das aproximações e dos afastamentos, na distinção, nas formas variadas e significativas, dos vínculos sociais pouco duradouros, principalmente os “tocados” pela mão do dinheiro. “Simmel persegue incansavelmente as mil formas que assume a aproximação sempre assintótica da totalidade, seja no conjunto social, seja nos seus componentes singulares.” (COHN, 1998, p. 54).

Esse tom fino nas análises não o impede de colocar em evidência o campo de forças no qual se estabelecem as relações entre os sujeitos e os objetos, ao enfrentar o moderno por meio de uma cultura filosófica onde ele enfrenta novos objetos permitindo a revitalização da filosofia tradicional por meio da reflexão dos procedimentos.

Insistindo no caráter construtivista do conhecimento, Simmel postula ser a verdade construção e, não apenas, simples adequação. Desse modo, cada perspectiva é somente mais uma perspectiva do real entre tantas outras possíveis. Mesmo que uma perspectiva reorganize os fragmentos do real de forma determinada e unitária, é preciso empreender uma busca pelas várias possibilidades de perspectivas, pois só na multiplicidade delas é possível considerar o real sobre os mais diversos ângulos. (VANDENBERGHE, 2005).

Portanto, o correlativismo epistemológico simmeliano permite desenvolver uma abordagem multidimensional do social, capaz de levar em conta, ao mesmo tempo, as estruturas e a ação e de compreender uma em função da outra.

Notas

¹ Caçula de uma família de sete irmãos, Georg Simmel nasceu em 1º de março de 1858 na cidade de Berlim. Filho de pais judeus naturalizados berlinenses, mal conheceu seu pai. Foi criado por sua mãe Flora Boldstein e por seu pai adotivo Julius Friedländer. A família viveu no centro de Berlim, uma cidade cosmopolita que abrigava diversos movimentos culturais, bem como diferentes grupos sociais. Com os recursos oriundos da fortuna herdada de seu pai adotivo, Simmel se sustentou confortavelmente. Casa-se com Gertrude Kinel no ano de 1890 com quem tivera um filho de nome Hans, morto na década de 30 do século passado em consequência de sua internação no campo de concentração em Dachau. Leva uma vida

dupla com a amante Gertrude Kantrowicz, uma poetisa com quem tivera uma filha ilegítima que se chamava Ângela, a qual se recusou a conhecer. Sua esposa, após a sua morte se empenhou em publicar sua obra, especialmente ensaios sobre a filosofia da arte e uma coletânea de textos que se intitula *Metafísica*. A amante também publicou fragmentos póstumos sobre a *Filosofia do amor* e a *Filosofia do ator*. Muitos de seus escritos foram roubados e outros confiscados pela Gestapo, portanto parte da obra desse autor está perdida, não figura nos textos até então publicados. Veja-se: VANDENBERGHE, F. *As sociologias de Georg Simmel*. São Paulo: Edusc; Belém: Ed. da Ufpa, 2005.

Artigo recebido em 15 de março de 2009 e aprovado em 6 de abril de 2009.

Referências

- BEDESCHI-ACCARINO, B. Simmel, pensatore della transizione. *Il Mulino*, ano XXXIV, p. 355-361, mar. apr. 1985.
- BOUDON, R. La teoria della conoscenza nella "Filosofia del denaro" di Simmel. *Rassegna Italiana di Sociologia*, ano XXX, n. 4, otto. dic. 1989.
- _____. Introduction. In: SIMMEL, G. *Les problèmes de la philosophie de l'histoire*: un étude d'épistémologie. Paris: PUF, 1984.
- CAVALLI, A.; PERUCCHI, L. Introduzione. In: SIMMEL, G. *Filosofia del denaro*. Torino: Utet, 1984.
- COHN, G. As diferenças finas: de Simmel a Luhmann. *RBCS*, v. 13, n. 38, p. 53-62, out. 1998.
- _____. Introduzione. In: SIMMEL, G. *I problemi della filosofia della storia*. Milano: Marietti, 1982.
- D'ANNA, V. *Il denaro e il terzo regno*: dualismo e unità della vita nella filosofia di Georg Simmel. Bologna: Clueb, 1996.
- DAL LAGO, A. *Il conflitto della modernità*: il pensiero di Georg Simmel. Bologna: Il Mulino, 1994.
- _____. *Introduzione a Georg Simmel*: forme e giochi di società. Milano: Feltrinelli, 1983.
- DEROCHE-GURCEL, L. *Simmel et la modernité*. Paris: PUF, 1997.
- DURAND, J. P.; WEIL, R. *Sociologie contemporaine*. Paris: Vigot, 1989.
- FERREIRA, J. Da vida ao tempo: Simmel e a construção da subjetividade no mundo moderno. *Revista RBCS*, v. 15, n. 44, p. 103-116, out. 2000.
- FREDY, R. L'étranger de Georg Simmel. In: WATIER, P. (sous la direction de). *Georg Simmel*. La sociologie et l'expérience du monde moderne. Paris: Méridiens Klincksieck, 1986. p. 257-285.
- FREUND, J. La théorie de la forme de Simmel éclairée par ses conceptions esthétiques. *Sociétés*, n. 11, p. 8-10, 1986.
- FRISBY, D. *Fragments de la modernidad*: teoría de la modernidad en la obra de Simmel, Kracauer y Benjamin. Madrid: Visor, 1992.
- GRENIER, J. Y. et al. *A propos de "Philosophie de l'argent" de Georg Simmel*. Paris: L'Harmattan, 1993.
- HABERMAS, J. Simmel como intérprete de la época. *Epilogo*. In: SIMMEL, G. *Sobre la aventura*: ensayos filosóficos. Barcelona: Península, 1988. p. 273-285.
- HEINEMANN, K. Denaro e fiducia. *Rassegna Italiana di Sociologia*, ano XXX, n. 4, 1989. p. 551-574.
- HENRIQUES, R.; EARP, F. S. Para uma abordagem socioeconômica da inflação brasileira: uma leitura a partir da obra de Georg Simmel. Trad. de Ricardo Brinco. *Ensaios*, Porto Alegre: FEE, ano 15, v. 2, p. 547-570, 1994.
- JEDLOWSKI, P. *Il sapere dell'esperienza*. Milano: Il Saggiatore, 1998.
- _____. *Memoria, esperienza e modernità*. Milano: Franco Angeli, 2001.
- JEVEREAU, C. Georg Simmel et la vie quotidienne: tür et brücke et socialité. In: WATIER, P. La compréhension dans les problèmes de la philosophie de l'histoire de Georg Simmel. *Sociétés*, Paris, n. 11, p. 10-13, 1986.

- _____. Sur le concept de vie quotidienne et sa sociologie. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, Paris: PUF, v. LXVIII, p. 31-45, janv./juin, 1980.
- KINTZELE, J. La Philosophie de l'argent e la question du desordre monétaire. In: BALNER, J. (Sous la direction de). *Simmel et les normes sociales*. Paris: L' Harmattan, 1993.
- LEVINE, D. Le posizioni contraddittorie di Simmel sulla cultura moderna. *Rassegna Italiana di Sociologia*, a XLII, n. 4, p. 541-548, ott. dic. 2001.
- MONGARDINI, C. Georg Simmel et la sociologie contemporaine. *Sociétés*, n. 11, p. 13-15, 1986.
- _____. Simmel e la sociologia della política. *Rassegna Italiana di Sociologia*, ano XXXIII, n. 4, p. 490-506, ott. dic. 1992.
- MORAIS, E. (Org.). *Simmel: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.
- POGGI, G. *Denaro e modernità*. Bologna: Il Mulino, 1998.
- SCHWEITZER, P.; STÉPHAN, J. Georg Simmel et la ville. In: WATIER, P. La compréhension dans les problèmes de la philosophie de l'histoire de Georg Simmel. *Sociétés*, Paris, n. 11, p. 10-13, 1986.
- SEGRE, S. *Principi metodologici nella sociologia di Simmel*. Milano: Egea, 1990.
- SIMMEL, G. *I problemi della filosofia della storia*. Milano: Marietti, 1982.
- _____. *La metropoli e la vita dello spirito*. Milano: Armando, 1995.
- _____. *La moda e altri saggi di cultura filosofica*. Milano: Longanesi, 1985.
- _____. *Philosophie de l'argent*. Paris: PUF, 1987.
- _____. *Philosophie de la modernité*. Paris: Payot, 1992.
- _____. *Sobre la aventura: ensaios filosóficos*. Barcelona: Península, 1988.
- _____. *Sociologie et epistemologie*. Paris: PUF, 1981.
- _____. *Sull' intimità*. Roma: Armando, 1996.
- _____. *El individuo y la libertad: ensayos de critica de la cultura*. Barcelona: Península, 1996.
- _____. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O. G. (Org.). *O fenómeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- _____. *Il conflitto della cultura moderna e altri saggi*. Roma: Bulzoni, 1979.
- _____. *Filosofia del denaro*. (A cura di) CAVALLI, A.; PERUCCHI, L. Torino: Utet, 1984.
- SOUZA, J.; OELZE, B. (Org.). *Simmel e a modernidade*. Brasília: Ed. UnB, 1998.
- TEDESCO, J. C. *Georg Simmel e a sociabilidade do moderno*. Passo Fundo: Ed. da UPF, 2006.
- TEIXEIRA, M. C. S. *Antropologia, cotidiano e educação*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- VANDENBERGHE, F. *As sociologias de Georg Simmel*. São Paulo: Edusc; Belém: Ed. da UFPA, 2005.
- VOZZA, M. *Introduzione a Simmel*. Roma; Bari: Laterza, 2003.
- WAIZBORT, L. *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- WATIER, P. La compréhension dans les problèmes de la philosophie de l'histoire de Georg Simmel. *Sociétés*, Paris, n. 11, p. 10-13, 1986.
- _____. *La sociologie et les représentations de l'activité sociale*. Paris: Méridiens Klincksiek, 1996.